

Mrs. Dalloway

Amostra

Virginia Woolf

Mrs. Dalloway

Tradução de **Beatriz Guterman**

TORDSILHAS

Mrs. Dalloway

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da editora Alaúde Editora Ltda., do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)
ISBN: 978-65-5568-306-6

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W88M
Woolf, Virginia, 1882-1941.
Mrs. Dalloway / Virginia Woolf. – Rio de Janeiro:
Tordesilhas, 2025.
228 p.; il.; 15,7 x 23 cm.
ISBN 978-65-5568-306-6
1. Literatura inglesa. 2. Romance inglês - Século 20.
3. Modernismo (Literatura). 4. Fluxo de consciência
(Literatura). 5. Feminismo na literatura. I. Título.
CDD 823.912

Índice para catálogo sistemático:

823.912 - Literatura inglesa - Romance - Século 20

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Rita Motta

Tradução: Beatriz Guterman

Revisão: Alessandro Thomé

Prefácio: Virginia Bioni Bertollini

Capa: Beatriz Frohe



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



Sumário

Um legado em um único dia	1
Introdução	19
Mrs. Dalloway	23

Amostra

Um legado em um único dia

M*rs. Dalloway* é uma obra consagrada da escritora Virginia Woolf, publicada em 14 de maio de 1925, que narra um dia na vida de Clarissa Dalloway, uma dama da alta sociedade londrina, enquanto ela se prepara para receber convidados em uma elegante festa em sua casa. Em paralelo à rotina de Clarissa, temos a narrativa de Septimus Warren Smith, um ex-combatente da Primeira Guerra Mundial profundamente afetado por traumas psicológicos. Embora seus caminhos jamais se cruzem, os conflitos internos vivenciados por ambos estabelecem um elo simbólico, evidenciando o diálogo entre suas inquietações existenciais e o vazio que permeia suas experiências.

A história de *Mrs. Dalloway* se desenrola ao longo de um único dia de junho de 1923, em Londres, no contexto do pós-Primeira Guerra Mundial (1914–1918). Esse período histórico foi marcado por profundas transformações sociais, políticas e subjetivas, com a literatura da época frequentemente explorando temas como trauma psicológico, alienação e a reconfiguração das relações interpessoais. Virginia Woolf incorpora em sua obra as marcas deixadas pela guerra, abordando questões sociais e políticas relevantes, como o feminismo, a homossexualidade e a bissexualidade, os transtornos mentais, o patriarcado e as crises existenciais.

Inserida nesse cenário, a autora opta por retratar a vida de indivíduos aparentemente comuns, concentrando-se intensamente

em suas vivências emocionais, pensamentos íntimos e percepções subjetivas. Na obra, toda a ação principal se limita a esse único dia, principalmente os momentos de retrospectão (*flashbacks*) e projeção temporal (*flashforwards*). Essa abordagem narrativa, que se tornaria uma das principais características do estilo de Woolf, é conhecida como fluxo de consciência.¹ Por meio dela, os pensamentos e as sensações dos personagens são apresentados em tempo real, criando uma narrativa que alterna entre o discurso direto e o indireto, combinando, ainda, diferentes formas de narração, como o ponto de vista onisciente, o monólogo interior e o solilóquio.²

A narração percorre diversas mentes ao longo do livro, embora se concentre especialmente nas experiências de Clarissa Dalloway e Septimus Warren Smith. Essa multiplicidade de vozes oferece ao leitor uma compreensão mais ampla e profunda dos acontecimentos daquele dia, evidenciando como diferentes personagens percebem e experienciam o mundo à sua volta a partir de perspectivas singulares, interligadas em uma rede de subjetividades.

As escolhas estruturais e estilísticas adotadas por Virginia Woolf em *Mrs. Dalloway* apresentam notável semelhança com aquelas encontradas em *Ulysses*, de James Joyce, obra amplamente reconhecida como um dos romances mais influentes do século XX. Embora o romance de Woolf tenha sido publicado três anos após o de Joyce, a personagem Clarissa Dalloway já figurava no universo criativo da autora anteriormente. Ela apareceu de forma secundária em *A Viagem* (1915), seu romance de estreia, e mais tarde como protagonista nos contos “Mrs. Dalloway em Bond Street” e no inacabado “O Primeiro-Ministro”, que acabariam por dar origem ao romance que conhecemos hoje.

Em 1902, duas décadas antes da publicação do livro, Woolf já esboçava a ideia central da obra, planejando uma peça em que “um

homem e uma mulher... cresceriam... e jamais se encontrariam... nunca chegariam a se conhecer... mas o tempo todo o leitor sentiria que estariam cada vez mais próximos”.³ A ideia inicial visava retratar a Londres do pós-guerra; contudo, após a leitura de *Ulysses*, Woolf percebeu que dentro da mente de uma pessoa comum existia toda a complexidade de uma vida. Com base nisso, rompeu com a estrutura narrativa tradicional do romanticismo, que considerava o tempo e a ação de forma gradual, optando por situar toda a ação narrativa em um único dia.

Diferenciando-se do estilo denso e por vezes fragmentado de *Ulysses*, Virginia Woolf dá à sua narrativa um ritmo mais suave e lírico, mesclando elementos do romance tradicional com a ficção moderna de forma sutil e sensível. Para a autora, era essencial que a obra tivesse uma voz capaz de estabelecer um diálogo íntimo com o leitor, comunicando os anseios, os pensamentos e as emoções das personagens de maneira profunda e subjetiva.

Com esse estilo já definido, Woolf o coloca em prática e cria essa conexão por meio dos seus personagens, especialmente pelos principais: Clarissa e Septimus. Ambos compartilham o mesmo espaço urbano e o mesmo momento histórico — as ruas de Londres em um dia de junho —, e suas narrativas se entrelaçam sutilmente, embora nunca se cruzem diretamente. Apesar dessa separação concreta, existe uma semelhança simbólica entre os dois: em suas trajetórias, o presente é constantemente interrompido por lembranças do passado, às quais retornam de forma recorrente por meio do fluxo de consciência.

Para Clarissa, esse “presente contínuo” aparece como recordações de sua juventude em Bourton, onde era cortejada por diversos pretendentes e tomou decisões cruciais, como seu casamento com Richard Dalloway. Ao longo do dia, ela reflete sobre o curso de sua vida, os caminhos não trilhados e a tentativa de atribuir sentido à existência

por meio de eventos sociais, como as festas que organiza. Seu desejo de reunir pessoas e criar momentos de alegria está vinculado não apenas ao seu estado de saúde, mas também a uma necessidade mais profunda de conexão e significado. Clarissa é profundamente marcada pela percepção do tempo, e sua relação com a morte — interpretada não como fim, mas como uma forma de capturar a plenitude da vida — revela a complexidade de sua sensibilidade. Para Peter Walsh, antiga paixão (e correspondida) de Clarissa, seu encanto se manifesta precisamente nessa intensidade de viver, resumida na expressão que o acompanha em pensamento: “Lá vai ela.”

No caso de Septimus, o tempo presente é constantemente invadido por memórias de sua vivência como soldado durante a Primeira Guerra Mundial, especialmente por meio das alucinações envolvendo Evans, seu companheiro de batalha. Sua trajetória funciona como um contraponto à de Clarissa Dalloway, revelando de maneira contundente o sofrimento psíquico negligenciado e a sensação de alienação vivida por aqueles profundamente marcados pelos horrores do conflito. A percepção de Septimus sobre o mundo é fragmentada e distorcida, e, por meio dele, Virginia Woolf constrói uma crítica incisiva à incompreensão social e médica em relação à saúde mental.

O pós-guerra, especialmente o da Primeira Guerra Mundial, representou um período de rupturas significativas, tanto no âmbito social quanto psicológico, que foram amplamente exploradas na literatura moderna. A guerra deixou não só cicatrizes físicas nas pessoas, mas também profundas marcas emocionais e psicológicas, refletidas em personagens como Septimus Warren Smith. Ele é um exemplo claro do trauma invisível que afetou muitos veteranos da guerra, particularmente os que sofreram de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), um conceito ainda em desenvolvimento na época. Septimus, em sua alucinação constante com Evans e sua visão

distorcida da realidade, reflete o impacto devastador que a guerra teve na mente daquele que voltaram para um mundo incapaz de compreendê-los ou de oferecer suporte adequado.

Virginia Woolf, ao explorar o período pós-guerra, transcende a narrativa de uma única experiência individual e a utiliza como um microcosmo que reflete as falhas mais abrangentes da sociedade britânica no início do século XX. O trauma de Septimus é amplificado pela insensibilidade dos profissionais médicos, que não reconhecem a gravidade de sua condição e, em vez disso, o tratam de forma desumana, transformando-o em um caso clínico, sem considerar a profundidade de sua dor emocional. Essa crítica à medicina, e à sociedade em geral, que não sabe lidar com a saúde mental, reflete um contexto mais amplo de negligência social e política em relação aos sobreviventes da guerra. A falta de empatia e a abordagem mais impessoal da psiquiatria são criticadas por Woolf de maneira sutil, mas incisiva, destacando a incapacidade do sistema de compreender as necessidades emocionais e psicológicas daqueles que retornaram da guerra.

Além disso, o contexto pós-guerra em *Mrs. Dalloway* também é explorado a partir de sua representação de Londres, uma cidade em reconstrução, tanto literal quanto figurativamente. O trauma da guerra afeta não apenas indivíduos como Septimus, mas também as estruturas sociais, que enfrentam as tensões de um novo mundo pós-guerra, marcado por uma quebra nas antigas normas e valores. Em um cenário marcado por incertezas políticas e sociais, a obra de Woolf expõe como as feridas do passado não podem ser facilmente cicatrizadas e como as consequências da guerra reverberam em diferentes níveis da sociedade.

Clarissa Dalloway, por exemplo, mesmo não sendo uma veterana de guerra, também carrega a marca do pós-guerra em suas reflexões sobre

o tempo, a vida e a morte. Ela vive em um mundo que foi mudado permanentemente pelas consequências da guerra e, como muitos outros da classe alta britânica, busca se apegar à superficialidade de eventos sociais como uma forma de escapar da dor mais profunda que ainda permeia a sociedade. Sua obsessão com o tempo e sua reflexão sobre as escolhas passadas podem ser vistas como uma resposta ao vazio existencial imposto pelas transformações do pós-guerra, onde os velhos ideais e as certezas de antes da guerra já não fazem mais sentido. Woolf vai além de capturar o trauma psicológico de seus personagens; ela transforma essas experiências em uma reflexão intensa sobre uma sociedade ainda à deriva, enfrentando as consequências do caos pós-guerra. A alternância entre os personagens, suas memórias e as tensões do presente revela a complexidade de um período em que as cicatrizes da guerra, tanto pessoais quanto coletivas, permaneciam, na verdade, ainda sem cicatrizar. Dessa forma, a autora oferece uma crítica incisiva às limitações da sociedade da época em confrontar as repercussões psicológicas do conflito, enquanto também busca o impacto mais amplo das guerras nas estruturas e nas relações sociais.

Outro tema que aparece em sua obra — e é um dos marcos de sua grandiosidade — é feminismo e o discurso feminista. Virginia Woolf não apresenta um manifesto feminista de maneira direta, mas questiona de forma sutil e profunda o papel da mulher na sociedade patriarcal, especialmente no contexto do pós-guerra na Inglaterra. Embora o romance tenha sido escrito antes do auge dos movimentos feministas do século XX, ele antecipa muitas das questões centrais do pensamento feminista moderno.

Nascida em uma família de alta posição social e casada com Richard Dalloway, com quem tem uma filha, Clarissa representa a figura feminina moldada pelas convenções sociais vigentes: uma dama da aristocracia inglesa cuja existência gira em torno da manutenção das

aparências, da realização de eventos sociais e da preservação do *status quo*.

Embora adote uma postura que aparente satisfação com sua vida, a narrativa revela, ao longo do dia retratado, sinais de descontentamento e frustração. Tais sentimentos manifestam-se, sobretudo, por meio de reflexões melancólicas e recordações de sua antiga amiga Sally Seton, as quais evocam um passado marcado por possibilidades não concretizadas e desejos reprimidos.

Sally, personagem marcada por uma postura rebelde e transgressora, surge na narrativa como figura central nas recordações mais felizes de Clarissa, que a via como uma presença cativante durante sua juventude. Nesse contexto, evidenciam-se os efeitos das normas sociais impostas às mulheres, que condicionaram Clarissa a reprimir seus desejos mais autênticos, ainda que não lhe fosse permitido agir conforme seus sentimentos, pois compreendia que seu papel social era seguir o matrimônio com um homem de posses e constituir uma família. Dessa forma, ela encarna simultaneamente a figura da inglesa típica de sua época e classe social, e um símbolo mais amplo da condição feminina. A personagem representa uma crítica contundente à sociedade patriarcal, que define rigidamente os papéis femininos e, incoerentemente, condena as mulheres por se conformarem às expectativas que lhes foram impostas desde a infância.

Mesmo com o regime patriarcal ainda em alta, as mulheres passaram a ter destaque em posições sociais e políticas, que viriam, posteriormente, a dar-lhes força para reivindicar seus direitos diante de uma sociedade opressora, dando mais voz ao movimento feminista. Como todos os setores econômicos do país foram afetados, as mulheres passaram a exercer funções até então masculinas, e isso despertou uma consciência sobre as habilidades das mulheres e seu papel na sociedade. Além disso, a criação de organizações internacionais

possibilitou que mulheres de diferentes países se unissem na luta por seus direitos, oferecendo a elas a chance de demonstrar suas habilidades e competências. Ademais, a busca pelo direito de voto das mulheres foi uma grande motivação para muitos líderes feministas, mesmo que esse objetivo tenha sido momentaneamente pausado por causa da guerra. Elas se envolveram para ajudar aquelas que estavam trabalhando durante o conflito, contribuindo para que suas causas ganhassem mais visibilidade e legitimidade.⁴

Como se não fosse o bastante usar as próprias mulheres de sua obra como objeto de denúncia e força política, Woolf ainda provoca o leitor ao abordar questões feministas em sua personagem masculina. Septimus também evoca algumas críticas e situações de opressão ligadas diretamente a luta feminista: o fato de ser extremamente sensível com suas emoções remete indiretamente a como as mulheres naquela época eram vistas como histéricas por serem sempre consideradas como seres mais emotivos. Outro ponto em que faz ligação ao problema psicológico já abordado anteriormente aqui é no silenciamento médico autoritário e na rigidez emocional, cuja analogia está relacionada à crítica das mulheres que não se moldam dentro dos padrões sociais aceitáveis para a época.

Da genialidade da escrita lírica de Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway* se torna uma das suas obras-primas mais aclamadas e relevantes mundialmente. Atemporal, não apenas por sua inovadora construção, mas por sua reflexão profunda sobre a condição humana, o romance se torna uma leitura essencial para aqueles que desejam compreender a riqueza e a sofisticação da literatura modernista e mergulhar no mais belo e humano sentimento que é o de questionar a vida e vivê-la em mais um dia.

Mrs. Dalloway disse que iria ela mesma comprar as flores.

Um pouco por trás da obra: quem foi Virginia Woolf?

Adeline Virginia Stephan, conhecida mundialmente como Virginia Woolf (1882–1941), nasceu em Kensington, Londres, em 25 de janeiro de 1882. Filha de Julia Stephen e de Leslie Stephen, renomado editor e crítico literário e intelectual, tinha três irmãos de sangue: Vanessa, Thoby e Adrian, além de meios-irmãos tanto por parte de pai quanto de mãe, devido aos casamentos anteriores. Leslie Stephen foi o responsável pela educação de suas filhas, Vanessa e Virgínia, educando-as em casa, com aulas particulares. Elas tinham acesso ilimitado à enorme biblioteca da família, e, junto com o conhecimento autodidata adquirido da literatura e de obras renomadas, pode-se dizer que esse foi o ponto inicial para Virgínia se tornar a escritora que conhecemos hoje. Contudo, sua infância foi acompanhada de momentos mórbidos e traumáticos, estes que se tornaram materiais para suas obras.

Aos 13 anos, havia perdido sua mãe, o que desencadeou suas primeiras crises psicológicas. Pouco tempo depois, sua meia-irmã também veio a falecer, seguida de seu pai, em 1904, contribuindo para que as condições psicológicas de Virgínia ficassem em evidência, sendo internada pela primeira vez.

Relatos bilbiográficos assumem que Virgínia sofreu abuso sexual infantil desde os 7 anos pelos seus meio-irmãos, o que perdurou até seus 24 anos. Ela escreveu sobre isso em *Momentos de Vida*.⁵ Já que foi criada para não poder se expressar, quando o silêncio a corroía, encontrava na escrita o meio de descrever e compartilhar seus sentimentos, suas angústias e seus traumas. Em outro texto, *A Sketch of the Past*,⁶ discorria sobre a rígida era do período Vitoriano⁷ e como a sociedade sofria com as repressões diante de vários assuntos na esfera social, inclusive na parte da saúde mental.

Os distúrbios psicológicos que acompanharam Woolf até sua morte são atualmente objetos de pesquisas da área da saúde mental, que, através de seus textos, buscam entender quais foram os gatilhos para, enfim, diagnosticá-la. Por muito tempo, cientistas da oposição consideraram que os problemas da autora eram de cunho genético, já que seu pai também apresentava tais sintomas antes de morrer, porém o que mais se afirma hoje é que ela sofria de uma mania, depressão profunda também conhecida por transtorno bipolar.

Em janeiro de 1904, Virginia publicou seu primeiro artigo no suplemento feminino impresso pelo *The Guardian*, diário nacional britânico independente⁸ fundado em 1821. Naquele mesmo ano, em novembro, a escritora viria a conhecer Leonard Woolf, seu futuro marido, em um jantar dado pelo seu irmão Thoby, que iniciava seus estudos em Cambridge. Após a morte de seu pai, ela e seus irmãos se mudaram para o bairro de Bloomsbury, em 1905. Lá, o irmão se reunia com amigos intelectuais da faculdade todas às quintas-feiras, e, com o passar do tempo, eles se nomearam como Grupo de Bloomsbury. Formado por membros do Apóstolos⁹ de Cambridge, sociedade secreta da elite intelectual da universidade fundada em 1820, ainda com Virginia e Vanessa sendo as únicas integrantes femininas, o grupo foi crucial para a escritora, pois, além de contribuir nas discussões, ela percebeu que era possível se livrar daquela educação moralista que a acompanhava desde a infância. Graças ao ambiente estimulante, viu que era um espaço ideal para desenvolver sua escrita e descobrir novas ideias. O grupo era conhecido por sua rejeição às normas vitorianas e sua abordagem progressista em relação à arte, literatura e política, e ofereceu a Virginia um lugar para debates intelectuais e experimentação literária. Assim, ela passou a colaborar com várias publicações e a ampliar seu círculo de influências literárias e sociais.

E foi assim que sua vida mudou quando, em 1912, Virginia se casou com Leonard Woolf, um brilhante escritor e crítico de Cambridge, na Inglaterra, cujos interesses na literatura, bem como na economia e no movimento trabalhista eram bem adaptados aos dela, fazendo parte também de Bloomsbury. Virginia Woolf estreou no mundo literário em 1915 com seu livro *The Voyage Out*,¹⁰ romance que abriria as portas para o sucesso de sua carreira. Juntos, eles fundaram a Hogarth Press,¹¹ em 1917, uma editora independente que recebeu esse nome em homenagem à casa deles em Richmond, Hogarth House, onde faziam impressão ainda à mão. Criada como um passamento para os Woolfs naquele período entreguerras, a editora passou a se tornar um negócio rentável quando compraram as primeiras impressoras. Publicaram um livro escrito em conjunto, *Duas Histórias*, se tornando um sucesso em vendas. Com a ascensão da editora, passaram a publicar livros do Grupo de Bloomsbury, assim como outros vários escritores e intelectuais, incluindo obras da própria Virginia. Em 1924, Woolf publicou um ensaio chamado “Mr. Bennett and Mrs. Brown”, que criticava escritores vitorianos que não conseguiam capturar a alma humana em suas obras. Virginia dizia que a literatura moderna precisava de uma nova abordagem, mergulhar na consciência dos personagens, refletindo os pensamentos, sentimentos e fluxos mentais — o fluxo de consciência. Contudo, foi em 1925 que ela colocou em prática essa ideia e, com êxito, *Mrs. Dalloway* chegou ao mundo, revolucionando uma era literária e se tornando uma das maiores obras da autora.

Tal desejo de mudar o estilo modernista da época pôde ser observado em muitos autores que entraram no subjetivo para com suas obras. Sendo uma influência, podemos ver que o estilo proposto por Virginia foi além do Reino Unido e de suas obras traduzidas. Aqui no Brasil, por exemplo, a escritora Clarice Lispector (1920–1977) foi uma das grandes

escritoras modernistas brasileiras do século XX a apresentar o fluxo de consciência e a subjetividade em suas obras. Quando falamos em “epifania” na literatura, provavelmente a primeira coisa que pensemos seja nela, e não é por menos: além da característica de suas histórias nunca terem um início, meio e fim, a autora colocava em suas obras a intimidade e as paixões, as expressões das almas de suas personagens como ponto de subjetividade, utilizando de técnicas modernas como o monólogo interior e análises psicológicas. Ela adotou esse fluxo com uma intensidade singular na literatura brasileira, o que podemos ver em algumas obras, como *A Paixão Segundo G.H.* (1964) e *Perto do Coração Selvagem* (1943), onde leva o leitor para dentro da alma das personagens com uma escrita quase filosófica.

Apesar de toda revolução literária que Virginia proporcionou no mundo todo — não só o literário — com suas obras riquíssimas, abordando temas-chaves para uma sociedade ainda danificada pelas guerras, e temas atuais, sua depressão sempre esteve a acompanhá-la. Em 1913, ela tentou se suicidar após finalizar o primeiro rascunho de *The Voyage Out* e, sendo resgatada por Leonard, foi internada, tratada para diferentes diagnósticos, mas nenhum chegou perto de ajudá-la. Conforme falamos anteriormente aqui sobre as críticas de Virginia em *Mrs. Dalloway*, a autora relaciona sua própria vida maníaco-depressiva e seu casamento caótico com os personagens Septimus Smith e Clarissa Dalloway.

Nele, Woolf sugere que diagnósticos errados frequentemente causam situações mais severas para aqueles que sofrem de doenças mentais. Podemos ver que há semelhanças entre as condições de Septimus e a luta de Woolf com o seu transtorno bipolar (ambos alucinam que pássaros cantam em grego, por exemplo). Ela também recebeu tratamento para seu problema em diversas clínicas, desenvolvendo seu desprezo por médicos. O casamento se tornou uma

tarefa que os casais lutavam para manter, em vez de ser um caminho facilmente percorrido. No entanto, o objetivo final de Woolf era atribuir significado à sua vida e às lutas que enfrentou durante ela (a vida). A autora encontra um significado e faz alusão a isso com Clarissa Dalloway: questionar a morte é um ato de desafio. É aceitar a si mesma no meio de tudo o mais. É aceitar sua vida e o caminho que ela seguiu. Woolf expõe sua própria visão da vida, seu significado nela e o papel que a morte desempenha. Assim como a vizinha de Clarissa se prepara para dormir sozinha, Woolf percebe que, em última análise, ela está sozinha no mundo.

No projeto original para o romance, Clarissa suicida-se durante sua festa. Nessa versão, Septimus (a quem Woolf chama de “um duplo” de Mrs. Dalloway) não existe. Além de sua primeira tentativa de suicídio em 1913, ela tentou mais duas vezes. As crises que acompanhavam Woolf a faziam se sentir culpada, pois, apesar de ter um relacionamento e o apoio de seu marido, ela era totalmente fragilizada pelos traumas, cobrava-se demais em suas obras, causando-lhe o medo de nunca ser suficiente. As críticas negativas a deixavam desequilibrada emocionalmente; lia que era insignificante e que viria a cair no esquecimento — mal sabiam (e ela também) o que o futuro reservava.

Durante o período de 1920 a 1930, Virginia teve uma crise maníaca, e esse foi o momento em que fora mais produtiva, escrevendo algumas de suas obras mais famosas, além de *Mrs. Dalloway*, como *Ao Farol* (1927) e *Orlando* (1928). Já em 1931, após finalizar o livro *As Ondas*, passou por uma nova crise. A cada final de peça, ensaio ou livro produzido, ela sentia que nada daquilo teria valor diante um período marcado por grandes perdas e transformações. O período dos anos 1930 já estavam sendo marcados pelo aumento de conflitos internacionais, como a Crise de 29, a Guerra Civil Espanhola, o avanço de teorias

de superioridade raciais e a ascensão do na Alemanha. Essa tensão e angústia frente a uma nova guerra que estava iniciando (Segunda Guerra Mundial) fez com que houvesse um aumento de publicações de romances históricos e de obras teóricas sobre o gênero.

Com o início da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), a saúde mental de Virginia já estava em seu estopim. Em 1940, com a morte de um grande amigo e figura importante para ela, Roger Fry (1866–1934)¹², a família pediu à escritora que escrevesse uma biografia do grande introdutor do modernismo europeu na Inglaterra. Ele havia influenciado profundamente o pensamento artístico de Woolf, defendendo que a forma e a emoção eram mais importantes na arte do que a representação fiel da realidade, e isso refletiu na escrita da própria Virginia. Naquele mesmo ano, *Roger Fry: A Biography* foi lançado e obteve críticas frias, que mexeram com a fragilidade emocional de Woolf. Juntamente com os conflitos e anseios da guerra, a autora teve seu colapso mais brusco, impedindo-a de escrever e caindo em uma depressão profunda, semelhante às que sofrerá na juventude.

Sem expectativas de melhora, em 1941, o mundo perdia uma das maiores escritoras modernistas do século XX. No dia 28 de março, Woolf colocava pedras nos bolsos de seu casaco para, então, se jogar no rio Ouse, perto de sua casa, e morrer afogada. Seu corpo foi encontrado apenas em 18 de abril. Antes do suicídio, Woolf escreveu uma carta de despedida para seu marido, Leonard, agradecendo por todo seu amor e apoio, mas alegando que não havia mais esperança de melhora, que era melhor partir do que continuar sofrendo. *Entre os Atos* (1941) foi o último livro de Virginia e publicado um tempo depois de sua morte. O romance é considerado pelos estudiosos como uma das obras mais completas da autora, com um estilo totalmente diferente do que apresentava. Muitos acadêmicos acreditam que o livro refletia o

colapso mental de Virginia, por passar por diversos estilos textuais, porém com uma coerência extraordinária.

O legado de Virginia Woolf para o mundo literário quebrou barreiras e serve até hoje como fonte de estudos e admiração. Além de revolucionária modernista, se tornou símbolo do movimento feminista literário. Suas obras revolucionárias e sua visão progressista abriram caminho para que as mulheres encontrassem suas vozes na literatura. Ela foi uma das primeiras a explorar temas como identidade feminina, igualdade de gênero e a luta das mulheres por autonomia e liberdade.

Do livro para a telinha

Mrs. Dalloway já foi apresentada em outras obras de Woolf, sendo uma aparição em *The Voyage Out* e em cinco contos em que Clarissa aparece como anfitriã: “The New Dress” (1924), “The Introduction”¹³ (1929), “Together and Apart” (1931) — em que Mrs. Dalloway faz as apresentações entre os protagonistas do conto —, *The Man who Loved His Kind* (1925) — em que Richard, o marido de Mrs. Dalloway, convida um colega de escola, que acaba por achar o encontro extremamente desconfortável — e “A Summing Up” (1944), em que um casal encontra-se no jardim de Mrs. Dalloway. Todos esses contos, com exceção de “The Introduction”, estão presentes nas coleções *A Casa de Carlyle e Outros Esboços* (2003) e *Mrs. Dalloway’s Party* (1977).

A obra também foi adaptada para o cinema, sendo consagrada em dois filmes: *Mrs. Dalloway* (1997), dirigido pela diretora alemã Marleen Gorris, com roteiro adaptado pela atriz britânica Eileen Atkins e protagonizado por Vanessa Redgrave, e *As Horas* (2002), adaptação do romance de mesmo nome de Michael Cunningham dirigida pelo inglês Stephen Daldry. O filme é uma releitura da obra de Woolf, focando Mrs. Dalloway, e acompanha a vida da editora nova-iorquina Clarissa,

interpretada no filme por Meryl Streep, a da dona de casa Laura, de Los Angeles, por Julianne Moore, e a da própria Virginia Woolf, por Nicole Kidman. *As Horas* narra um dia na vida de três mulheres de gerações diferentes e cuja vida foi mudadas pelo romance: Woolf o escreve, Laura o lê e Clarissa o vive.

Vamos comprar flores

Mrs. Dalloway pode ser desafiador — e um pouco confuso — em um primeiro momento, mas valerá totalmente a pena conhecer essa história e se encantar com umas das mais aclamadas obras já escritas e publicadas. Prepare seu chá da tarde, abra o coração e se aventure neste dia único de Londres.

Talvez seja nossa hora de ir comprar nossas flores.

-
1. Técnica literária, usada primeiramente por Édouard Dujardin em 1888, em que se procura transcrever o complexo processo de pensamento de um personagem, com o raciocínio lógico entremeado com impressões pessoais momentâneas e exibindo os processos de associação de ideias. Com o uso dessa técnica, mostra-se o ponto de vista de um personagem por meio do exame profundo de seus processos mentais, esbatendo-se as distinções entre <https://pt.wikipedia.org/wiki/Consciente> e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Inconsciente>, realidade e desejo, as lembranças da personagem e a situação presentemente narrada etc.
 2. Recurso dramático ou literário que consiste em verbalizar, na primeira pessoa, aquilo que se passa na consciência de um personagem. Opõe-se ao monólogo interior, porque o personagem, no solilóquio, articula os seus pensamentos de forma lógica, coerente.